

Extensão universitária e universidade pública – para quê e para quem?

Veralúcia Pinheiro*

*..... Comia todas as meninhas da cidade
De tanto brincar de médico, aos doze era
professor.
Aos quinze, foi mandado para o reformatório
Onde aumentou seu ódio de tanto terror.
Não entendia como a vida funcionava –
Discriminação por causa da sua classe ou sua
cor
Ficou cansado de tentar achar resposta
E comprou uma passagem, foi direto a
Salvador...*

Legião Urbana

Vivemos em tempos sombrios – não de homens sombrios como Hannah Arendt definiu alguns pensadores contemporâneos da Segunda Guerra Mundial, mas uma época sombria. Embora não estejamos oficialmente em guerra, vivemos uma verdadeira guerra social. A violência se manifesta em todos os momentos e espaços de nossas vidas de forma banal, atingindo a todos, especialmente os mais jovens. Justamente por isso, acreditamos que este é o momento propício para debatermos o papel da universidade pública, ou melhor, discutirmos as razões pelas quais devemos lutar por uma universidade realmente pública e acessível a todos.

Adorno e Becker,¹ teóricos do pensamento crítico, desenvolveram uma acalorada discussão sobre o conceito de *educação*. Becker nos fala da “inocência perdida”, pois, tanto para ele quanto para Adorno, a educação, depois da Segunda Guerra, jamais poderia ser a mesma. Como acreditar em modelos ideais de educação quando milhares e milhares de jovens estudantes, a despeito do elevado pensamento humanista das universidades alemãs, se submeteram ao autoritarismo do Estado e reproduziram a barbárie do regime nazista? Subjacentemente a esta questão se desenrola o debate dos autores, o qual pode nos ajudar a refletir sobre a situação atual de nosso país, já que também estamos diante de uma situação paradoxal.

*Doutora em Educação pela Unicamp, Assistente Social do Núcleo de Estudos e Coordenação de Ações para a Saúde do Adolescente (Necasa) da UFG.

¹ Este diálogo consiste numa entrevista feita por Helmut Becker com Theodor Adorno, transcrita em ADORNO. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

De um lado, temos os jovens de classe média, detentores de recursos financeiros e de capital cultural, o que poderia nos levar a inferir que estariam preparados para o ingresso nas melhores universidades. Do outro, temos os jovens pobres das periferias. Para estes restam poucas oportunidades, pois, sobrevivendo em meio à violência que caracteriza suas existências, eles estão, via de regra, condenados a reproduzir a condição de desempregados, subempregados, trabalhadores sem qualificação e, não raro, a tornarem-se jovens infratores ou, como prefere a imprensa, bandidos, título que adquirem antes mesmo de qualquer julgamento oficial. Muitas vezes, morrem violentamente antes dos dezoito anos, transformando-se em mera estatística das mortes violentas dos jovens no Brasil.

É claro que os jovens pobres ocupam posição central (como atores e como vítimas) no cenário desta violência em nossas cidades. Ao contrário dos jovens de classe média que recentemente (junho de 2007) espancaram e roubaram uma empregada doméstica que pensavam tratar-se de uma prostituta, apenas para se divertir, a violência na vida dos jovens da periferia tem início ainda nos primeiros anos de suas vidas e pode ser retratada por meio do aspecto sombrio do lugar onde nascem e crescem – ruas sem asfalto, sem esgoto, escolas depredadas, assistência médica precária e vidas sem horizontes.

Diante de uns e de outros, nos perguntamos: valerá a pena remar contra a maré e enfrentar os tempos neoliberais de sucateamento e privatização da universidade pública, defendendo-a contra a sede insaciável de lucro dos empresários da educação? Afinal, que universidade queremos? Para que queremos educação para os nossos jovens?

Retomamos aqui o pensamento de Adorno o qual se contrapõe à perspectiva de *modelagem* de pessoas, para compreendermos o papel da educação, posto que não temos o direito de modelar ninguém a partir de seu exterior. Todavia não podemos nos limitar à mera transmissão de conhecimentos. Com base nestas reflexões, qual seria então, o papel da universidade?

A produção de uma consciência verdadeira, autônoma – responderia Adorno. É claro que a universidade não pode ignorar seu objetivo de preparar o indivíduo para trabalhar e se orientar no mundo. Mas essa adaptação não deve conduzir a um conformismo diante das injustiças. Por isso, para nosso autor, nesta dialética entre o resistir e o adaptar, a educação deve voltar-se mais para o fortalecimento da resistência do que para o fortalecimento da adaptação.

Evidentemente que esta proposta de educação está na contramão dos interesses mercantis. Na lógica de submissão do processo educacional ao mercado, a consequência imediata é a perda dos elementos não-mercantis da educação (formação humanista, pensamento crítico), tornando-se mercadoria. Especificamente em relação às universidades, podemos identificar essa situação em diferentes âmbitos: a oferta do ensino superior como mercadoria limita a formação do aluno à preparação para o mercado; o conteúdo do ensino se torna utilitário e as instituições de ensino buscam prioritariamente o lucro em detrimento da qualidade.

Infelizmente, os defensores do ensino superior privado ganham novos adeptos todos os dias. A força da propaganda faz com que esta ideologia envolva segmentos cada vez maiores da população, os quais, muitas vezes, sequer possuem recursos financeiros para arcar com o ensino pago, mas iludem-se com o canto da sereia das bolsas universitárias (que visam beneficiar principalmente os empresários da educação), a exemplo do Pró-Uni ou das cotas que prometem inseri-los nas universidades públicas.

Contudo, para além das discussões sobre a justiça ou não da política de cotas, precisamos discutir a universidade pública, pois as cotas só existem porque ainda existe universidade pública, posto que, nas universidades particulares, não é a seletividade do vestibular que se constitui em empecilho para os candidatos ao ensino superior. Ao invés disso, o maior impedimento para estudantes das classes populares é o alto custo das mensalidades.

Dessa forma, voltamos à nossa questão original: Para quê e para quem queremos universidade pública? Queremos universidade pública e gratuita para todos. Não queremos uma universidade acessível apenas aos jovens das classes altas e médias, tampouco defendemos uma universidade que se

orientar por meio de políticas compensatórias, focalizadas, como é o caso das cotas. Defendemos políticas universais como direito de todos. As razões que justificam essa posição política dizem respeito à própria qualidade do ensino, relacionada, por sua vez, a pesquisa e extensão, possíveis somente nas instituições que não estejam submetidas a interesses mercantis.

Como exemplo dessa condição das universidades públicas, lembramos do surgimento, em 1988, do Núcleo de Estudos e Coordenação de Ações para a Saúde do Adolescente – Necasa – hoje vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Goiás. Este núcleo tem sido um dos protagonistas da política de proteção integral do adolescente em Goiás. Uma das contribuições mais relevantes ao longo de sua existência foi o estabelecimento de convênio com o órgão estadual responsável, em Goiás, pelo atendimento aos adolescentes autores de atos infracionais. Além disso, ao se constituir como campo de estágio curricular para os cursos de Medicina, Psicologia e Serviço Social, o Necasa propicia um processo de interação e de desenvolvimento da consciência dos jovens. Assim, tanto os estudantes universitários quanto os jovens da periferia têm a possibilidade de buscar soluções para uma sociedade que insiste em manter os indivíduos das camadas populares segregados e longe dos benefícios advindos do desenvolvimento da ciência, da arte e da técnica.

Ao criar novas metodologias de atendimento, ao desenvolver estudos e pesquisas sobre a condição da juventude, o Necasa contribui para que a universidade pública cumpra seu papel de construir e socializar o conhecimento. Nessa perspectiva, a partir de março de 2007, foi dado mais um passo em direção a estes objetivos. Com vistas à proposta de melhorar o desempenho das nossas ações no interior da universidade, a atual reitoria, por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, designou uma nova sede para o núcleo que, agora instalado na antiga Casa do Professor Visitante, na Alameda Botafogo, está ampliando suas ações entre a sociedade, tanto no âmbito da universidade quanto fora dela. Como exemplo dessa ampliação, o núcleo oferece cursos de formação e atualização para professores da rede estadual de ensino, sobre as questões que envolvem a adolescência na contemporaneidade.

Queremos contribuir com a melhoria do ensino fundamental e médio da rede pública para que os jovens tenham acesso à universidade pública. Conhecemos um pouco as dificuldades dos professores frente aos problemas apresentados pelos adolescentes das periferias de nossas cidades e queremos socializar este conhecimento, nos aliando àqueles que cotidianamente enfrentam as seqüelas da questão social em um país que criminaliza seus jovens ao mesmo tempo em que os mantém afastados de qualquer perspectiva de participação da riqueza material e espiritual produzida pela civilização.

Negamo-nos a trabalhar para que os jovens se conformem com a discriminação, seja ela decorrente da classe social, da raça ou da orientação sexual. Queremos participar da produção de um conhecimento capaz de dar visibilidade às diversas formas de violência que tem raízes históricas, mas que se tornam naturais pela sociedade brasileira. Reproduzir a cultura dominante de oferecer “cursos pobres” para os pobres, ensinando-lhes ofícios de carpinteiros, empregadas domésticas e babás significa roubar dos jovens seu maior tesouro – a utopia – a esperança em uma vida melhor.

Por tudo isso, voltamos nossas energias para projetos que, em si, não resolvem o problema das desigualdades sociais, mas possibilitam aos jovens compreender o processo em que são forjadas as discriminações. Este maior entendimento do mundo pode constituir-se numa ferramenta de luta contra a subalternização, evitando que os jovens continuem a percorrer o mesmo caminho de João de Santo Cristo, personagem lendário da música *Faroeste Cabloco*, do grupo Legião Urbana, parcialmente reproduzida na epígrafe deste artigo.